

ELUCIDAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE A-GENTE (DAS MAN) EM SER E TEMPO*

ELUCIDATIONS ON THE NOTION OF THE THEY (DAS MAN) IN HEIDEGGER'S BEING AND TIME

Saulo Grassi Mendonça**

RESUMO

No vigésimo-sétimo parágrafo de *Ser e Tempo*, o filósofo Martin Heidegger indaga sobre o “si-mesmo” da cotidianidade ou, em outros termos, sobre *quem é o Dasein* cotidiano. A análise indica que um “outro” impessoal, denominado a-gente [*das Man*], tomou seu lugar. Esse “outro” recebe em seguida uma caracterização aparentemente negativa. Buscaremos evidenciar que a-gente é incorretamente compreendida se tratada como indissociável da impropriedade [*Uneigentlichkeit*] e oposta à propriedade [*Eigentlichkeit*]: ela é, na verdade, parte da essência do *Dasein* e, portanto, propriedade e impropriedade são possíveis apenas com base em a-gente, e nunca sem ele.

PALAVRAS-CHAVE: a-gente; si-mesmo; ser-cada-vez-meu; cotidianidade; impropriedade.

ABSTRACT

In *Being and time's* twenty-seventh paragraph, philosopher Martin Heidegger inquires about the “Self” of everydayness or, put differently, about *who* is the everyday *Dasein*. The analysis shows that an impersonal “other” named the They [*das Man*] has taken its place. This “other” then receives an apparently negative characterization. We will seek to demonstrate that the They is incorrectly understood if treated as indissociable from inauthenticity [*Uneigentlichkeit*] and opposed to authenticity [*Eigentlichkeit*]: the They is, in fact, part of *Dasein's* essence, and thus only based on it are authenticity and inauthenticity possible.

KEYWORDS: the they; self; mineness; everydayness; inauthenticity.

INTRODUÇÃO

Um dos traços marcantes da filosofia de Heidegger em *Ser e tempo* é a sua recusa em atribuir ao “ser humano” o modo de ser das “coisas”, a subsistência [*Vorhandenheit*]. Essa recusa o impele a evitar expressões como “sujeito”, “pessoa” e até mesmo “homem”¹; o termo empregado em seu lugar é “*Dasein*”. *Dasein* não é uma “coisa”, um “quê”, mas antes um “quem”². Seu modo de ser é expresso pelo termo existência [*Existenz*], que deve ser diferenciado de *existentia*: a tradição filosófica utilizou “*existentia*” sempre dentro do âmbito

* Comunicação recebida em 25/05/2024 e aprovada para publicação em 20/06/2024.

** Graduando em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: saulograssi.m@gmail.com.

¹ Em alemão: *Subjekt, Person e Mensch*.

² “O ente que cada vez a eles [existenciários e categorias como caracteres-de-ser] corresponde exige que o interroguem primariamente cada vez de modo diverso: ente como um *quem* (Existência) ou como um *que* (subsistência, no sentido mais amplo)” (Heidegger, 2012, p. 147).

da subsistência (Heidegger, 2012, p. 139). Aos dois modos de ser indicados (subsistência e existência) se adiciona um terceiro: a utilizabilidade [*Zuhandenheit*], modo de ser dos utensílios com os quais nos deparamos em nosso dia-a-dia. Utilizabilidade e subsistência “são categorias e se referem a entes cujo modo-de-ser não é conforme ao ser do *Dasein*” (Heidegger, 2012, p. 263). Em contraposição, os caracteres do ser do *Dasein* – suas ‘estruturas’ – são chamados de existenciários.

Se o *Dasein* é sempre um quem, então *quem é o Dasein*? Heidegger reserva um capítulo de *Ser e tempo* (2012, p. 331-373) para essa questão. Primeiro, ele procura colocar adequadamente a pergunta pelo quem por meio de um exame das noções de ‘eu’, sujeito e si-mesmo [*Selbst*]. Em seguida, ele discute o modo como outros *Dasein* vêm-de-encontro no mundo. Por fim, o filósofo alemão toma os resultados das discussões anteriores e responde à pergunta pelo quem do *Dasein* cotidiano com a noção de a-gente.

Como o exame do eu e do si-mesmo é essencial para uma boa compreensão de a-gente, iniciaremos a exposição evidenciando que essas noções se apresentam como tentações perigosas para o projeto heideggeriano, caso sejam admitidas sem ressalvas.

1 SER-CADA-VEZ-MEU, EU, SI-MESMO

Em um primeiro momento, parece ser possível responder à pergunta pelo quem do *Dasein* imediatamente, partindo da caracterização feita no parágrafo §9 (Heidegger, 2012, p. 139): “O ser desse ente [do *Dasein*] é cada vez *meu*”. O ser-cada-vez-meu [*Jemeinigkeit*] levaria a crer que o *Dasein* é sempre um eu. “À pergunta pelo quem se responde a partir do eu ele mesmo, do “sujeito”, do si-mesmo” (Heidegger, 2012, p. 333). Porém, uma resposta como essa não pode ser admitida se as noções de eu ou si-mesmo forem concebidas no horizonte teórico da filosofia tradicional, ou seja, a partir da subsistência, que não corresponde ao modo de ser do *Dasein*. Não obstante, o uso dessas expressões ainda é possível, desde que sejam tomadas certas precauções. Segundo Heidegger (2012, p. 337),

pode-se sempre muito bem dizer sobre esse ente, em termos onticamente justificáveis, que “eu” o sou. Contudo, a analítica ontológica, ao empregar essas proposições, deve fazê-lo com reservas de princípio. O “eu” somente deve ser entendido no sentido de um como *indicador formal* e indiferente de algo que [...] talvez se desvende como o “oposto” do que parecia. “Não eu” de modo algum significa um ente essencialmente “falta-de-eu” [...], mas significa um determinado modo-de-ser do “eu” ele mesmo, por exemplo, a perda-de-si-mesmo.

Com o termo “perda-de-si-mesmo” já se anuncia a noção de a-gente³, embora ela também possa ser aplicada ao *Dasein* que não ‘se perdeu’: a-gente é um existenciário, ou seja, um caractere ‘essencial’ do *Dasein*. Tanto o *Dasein* que não se perdeu (próprio, *eigentlich*) como o que se perdeu (impróprio, *uneigentlich*) são plenamente *Dasein*. Suas estruturas são as mesmas:

Nessa cotidianidade, mesmo no *modus* da impropriedade, também reside *a priori* a estrutura da existenciariade.

[...] a explicação do *Dasein* na sua cotidianidade mediana não fornece somente algo assim como estruturas medianas, no sentido de indeterminidade evanescente. O que é onticamente no modo da mediania pode ser muito bem ontologicamente apreendido em suas estruturas bem determinadas, as quais não são estruturalmente diferentes das determinações ontológicas de um ser *próprio* [*eigentlichen*] do *Dasein* (Heidegger, 2012, p. 145).

A impropriedade está ligada à noção de cotidianidade. A cotidianidade é o modo da existência em que o *Dasein* vive seu dia a dia; é o modo em que ele é encontrado ‘imediatamente’, nas idas e vindas e nas conversas levianas da convivência habitual; em que ele é ao menos em aparência “manifesto”; o modo em que cada *Dasein* está na maioria dos casos concretos (Heidegger, 2012, p. 1005; Richardson, 2003, p. 48). É a partir da análise do *Dasein* cotidiano, do *Dasein* em sua vida ordinária, que Heidegger desenvolve sua caracterização de a-gente.

2 A-GENTE

Na cotidianidade, o *Dasein* está constantemente relacionado aos outros. Estes “outros”, porém, não são tomados como “todos que não são eu”. Ao contrário, normalmente não nos diferenciamos dos outros, permanecemos entre eles ‘em pé de igualdade’ (Heidegger, 2012, p. 343). Ao caminhar pela rua, cruzamos com centenas de pessoas sem nos darmos conta; nessas circunstâncias é difícil que alguém chame a atenção, ou até mesmo que alguém *queira* chamar a atenção. Cada um é apenas mais um que “está aí”⁴ na multidão. O objetivo implícito é não se destacar, não ser diferente *demais*, e isso justamente porque não nos distinguimos dos outros.

³ Rodríguez (2015, p. 139) aponta outras antecipações de a-gente: “La no-diferenciación inmediata del otro como consecuencia del mundo a priori compartido, el encuentro del yo consigo mismo a partir primariamente de lo que hace —de su rol social— y la primacía cotidiana de los modos deficientes de solicitud. Todos ellos apuntaban ya el camino de la interpretación hacia una forma fundamentalmente anónima, impersonal, de estar en el mundo, cuyos rasgos fenoménicos son destacados por el texto antes de la exposición de la tesis ontológica.”

⁴ “Os outros, como a-gente os chama, para encobrir nossa própria essencial pertinência a eles, são aqueles que no cotidiano ser-um-com-o-outro de pronto e no mais das vezes “são aí”.” (Heidegger, 2012, p. 363-365).

Em outro sentido, porém, é habitual que nos diferenciemos. Justamente por não querer ser diferente demais, o *Dasein* está constantemente se comparando com os outros, seja para se impor como superior, seja para descobrir-se inferior. Heidegger dá a essa característica da convivência o nome de distanciamento [*Abständigkeit*] (2012, p. 363). Essa comparação com os outros, todavia, leva o *Dasein* a se medir a partir deles, a desejar a partir dos desejos deles, etc.; em suma, a ‘ser vivido’ por eles. “Precisamente em seus empreendimentos diários mais próprios, o *Dasein* enquanto ser-com-os-outros não é ele mesmo. Em vez disso, são os outros que vivem o próprio *Dasein* de alguém”⁵ (Heidegger, 1992, p. 245; tradução nossa). Não importa quem sejam esses ‘outros’; na verdade, qualquer um poderia cumprir esse papel. O ‘outro’ que vive em meu lugar, ao qual estou sujeito, pode ser entendido como sendo, ao mesmo tempo, todo mundo e ninguém em particular. Esse ‘outro’ impessoal é o que Heidegger chama de a-gente (Heidegger, 2012, p. 363; 1992, p. 245).

A-gente é um substantivo formado a partir do pronome impessoal *man*, que corresponde ao nosso pronome impessoal “se”, usado em frases como “é assim que se faz!” ou “vive-se bem por aqui”. Assim, na cotidianidade, o *Dasein* se submeteu a esse impessoal; ele lê do jeito que *se* lê; se porta do jeito que *se* porta; em outros termos, o *Dasein* cotidiano lê como a-gente lê, se porta como a-gente se porta. Ele até mesmo foge da “grande massa”, busca ser autêntico, original, do jeito que a-gente foge. A-gente domina a cotidianidade e prescreve como tudo deve ser feito (Heidegger, 2012, p. 365). Segue-se o que está em voga, sem questionamentos.

Heidegger (2012, p. 365-369) aponta em a-gente diversas características, entre as quais está o já mencionado distanciamento. Relacionados a ele são os modos-de-ser da mediania [*Durchschnittlichkeit*] e do nivelamento [*Einebnung*]: “Para a-gente o que está essencialmente em jogo em seu ser é a mediania” (Heidegger, 2012, p. 365). O que importa é estar “na média”, não ser diferente demais dos outros:

Essa mediania [...] vigia toda exceção que possa sobrevir. Toda precedência é silenciosamente nivelada. Tudo o que foi conquistado na luta passa a ser manuseado. Todo segredo perde sua força. A preocupação [*Die Sorge*] da mediania desvenda uma nova tendência essencial do *Dasein* por nós denominada o nivelamento de todas as possibilidades-de-ser (Heidegger, 2012 p. 365).

A busca por ser como todo mundo leva ao nivelamento; com ele, o incomum é reduzido ao comum, todas as diferenças são aplainadas, todas as possibilidades se tornam equivalentes

⁵ “Right in its ownmost everyday pursuits, *Dasein* as being with the others is not itself. Instead, it is the others who live one's own *Dasein*.”

(Heidegger, 1992, p. 246). Essas três primeiras características são essenciais para a constituição de uma quarta, a publicidade [*Öffentlichkeit*], que é o modo como o *Dasein* cotidiano interpreta o mundo e a si mesmo (Heidegger, 2012, p. 367). É a abertura [*Erschlossenheit*] específica de a-gente, em certo sentido o ‘mundo público’ do *Dasein* cotidiano (Heidegger, 2012, p. 471). A publicidade “introduz na mediana cotidianidade do *Dasein* a tranquila segurança de si mesmo, o “ser em-casa” que-se-entende-por-si-mesmo” (Heidegger, 2012, p. 529). Essa segurança se dá por a publicidade “se fundar no não-penetrar “nos assuntos” e por ser insensível a toda diferença de nível e de autenticidade [*Echtheit*]. A publicidade tudo obscurece e dá o que é assim encoberto como o notório e acessível a qualquer um” (Heidegger, 2012, p. 367).

A publicidade ajuda a entender as duas últimas características de a-gente, o alívio-de-ser [*Seinsentlastung*] e o vir-ao-encontro [*Entgegenkommen*]. Absorto no mundo público, o *Dasein* cotidiano entrega à a-gente sua capacidade de decisão: “Sempre “era” a-gente e se pode dizer, no entanto, que não foi “ninguém”. Na cotidianidade do *Dasein* a maior parte das coisas é feita por alguém de quem se deve dizer que não era ninguém” (Heidegger, 2012, p. 367). Isso quer dizer que a-gente *alivia* a ‘carga’ do *Dasein*, ‘tira o seu fardo’, e ao fazer isso *vem ao encontro* de suas expectativas e exigências, guia-o pelos caminhos mais fáceis e agradáveis.⁶

3 A-GENTE-ELA-MESMA

A partir do que foi exposto, torna-se fácil perceber por que diversos comentaristas⁷ encontraram no texto heideggeriano uma valoração moral negativa de a-gente. Em contraposição, Heidegger insiste repetidas vezes que suas descrições não devem ser entendidas em sentido moral⁸. Além disso, o que parece dificultar ainda mais a questão, ele considera que a-gente é um existenciário, i.e., uma característica essencial do *Dasein*: “A-gente é um existenciário e, como fenômeno originário, pertence à constituição positiva do *Dasein*” (Heidegger, 2012, p. 371). Ou, em uma formulação aparentemente ainda mais desconcertante, “o *ser-si-mesmo* próprio não repousa sobre um estado-de-exceção de um sujeito desprendido de a-gente, mas é *uma modificação existencial* [i.e., ôntica] *de a-gente como um existenciário essencial*” (Heidegger, 2012, p. 373). A propriedade só é possível, então, a partir de a-gente?

⁶ De Waelhens (1986, p. 68) comenta: “Las dificultades de la resistencia crecen en proporción con lo que se le ha concedido. El yugo se refuerza a medida que se va cediendo, y así cada vez vamos siendo menos capaces de asegurar nuestras propias posibilidades. En compensación de nuestro abandono, el *Man* nos concede seguridad, quietud y confianza.”

⁷ Exemplos: 2012, p. 141-143; 471; 1992, p. 245; 283.

⁸ Por exemplo, De Waelhens, 1986, p. 71-72; também p. 34, n. 32.

Como o si-mesmo próprio seria alcançado dentro dessa ‘estrutura’ do *Dasein* que poderia muito bem ser chamada de “estrutura da impessoalidade”? McManus (2021, p. 41) divide os modos mais frequentes de se interpretar a-gente em leituras “estruturais” e leituras “psicológicas”. O primeiro tipo de leitura enfatiza a ‘inescapabilidade’ e o caráter social do *Man*, visando com isso dar a ele uma interpretação neutra ou positiva; em oposição, o segundo dá um maior enfoque à dominação exercida por a-gente, ao efeito tranquilizante que cega o *Dasein* e à aparente necessidade de se fugir de a-gente para ser propriamente si mesmo. Solucionar a tensão entre a descrição inicial de a-gente e as formulações posteriores em que ela aparece como um existenciário não implica necessariamente em uma conciliação desses dois pontos de vista. Ainda é possível que o texto de *Ser e tempo* admita apenas uma ou outra leitura, e que ambas sejam irreduzíveis entre si. A ‘conciliação’ também pode acabar em desacordo com ambas. O que a solução de tal tensão conquista é a possibilidade de que uma ou outra leitura seja admitida sem que partes da obra se tornem incoerentes no processo.

A maioria das dificuldades cai quando se faz uma distinção simples, mas facilmente ignorada. Ao responder à pergunta pelo quem do *Dasein* cotidiano, Heidegger não utiliza o termo *das Man*; ele escolhe antes falar em *Man-selbst*, ou a-gente-ela-mesma, para enfatizar que o *Dasein* é “cada vez meu” e que por isso pode tanto ser si-mesmo quanto perder-se a si-mesmo:

O si-mesmo do *Dasein* cotidiano é a-gente-ela-mesma [*Man-selbst*] que distinguimos do si-mesmo próprio [*eigentlichen Selbst*], isto é, do si-mesmo possuído de modo apropriado. Como a-gente-ela-mesma, o *Dasein* está disperso em a-gente e deve primeiramente se encontrar (Heidegger, 2012, p. 371).

Em outros termos, o *Dasein* cotidiano é um ‘si-mesmo’ que não é efetivamente si-mesmo. Além de ter a-gente como existenciário essencial, ele também se mantém em uma interpretação do próprio ser que é totalmente determinada por ela. Ele se torna disperso, tem seu si-mesmo próprio dissolvido em a-gente: “[A-gente-mesma] é uma modificação existencial do si-mesmo próprio” (Heidegger, 2012, p. 865).

A partir daí, abre-se o caminho para uma interpretação de a-gente. É possível explicar a-gente como ‘consequência’ de um mundo comum, no qual todo *Dasein* sempre está de algum modo. Toda comunidade humana tem suas regras, comportamentos esperados e padrões, e isso é, de certa forma, essencial a todo *Dasein*. Se a propriedade só pudesse ser alcançada por uma rejeição total desse elemento, o *Dasein* próprio seria um ente completamente incompreensível (McManus, 2021, p. 42). Ao contrário, a propriedade não é alcançada rejeitando tais regras;

mesmo não se interpretando exclusivamente a partir delas, o *Dasein* próprio ainda as toma, em certo sentido, como ponto de partida: “A busca-de-si que retrocede a partir de a-gente, isto é, a modificação existencial de a-gente-ela-mesma para o ser-si-mesmo *próprio*, deve ser levada a cabo como um *ir em busca de uma escolha*” (Heidegger, 2012, p. 737).

Sob outro aspecto, essa mesma estrutura do *Dasein* também pode ser vista como causa de uma ‘tendência’ essencial relacionada ao *decair*⁹ [*Verfallen*]. Essa tendência o inclina a deixar que os ‘outros’ vivam em seu lugar. Por causa dela, o *Dasein* é inicialmente levado a se interpretar e a interpretar o mundo a partir dos outros; ele está entregue à a-gente e teve seu si-mesmo ‘substituído’ por a-gente-ela-mesma. A mesma estrutura que possibilita algo como uma sociedade impele o *Dasein* à impropriedade: “Mas nesse distanciamento inerente ao ser-com, o *Dasein* como cotidiano ser-um-com-o-outro está na *sujeição* aos outros” (Heidegger, 2012, p. 363). O *Dasein* próprio, por sua vez, também não está livre dessa tendência. É justamente por causa dela que ele pode ser ‘reabsorvido’ pela cotidianidade: “[...] a existência pode também dominar – porém nunca extinguir – o cotidiano no instante [*Augenblick*] e, na verdade, frequentemente somente ‘por um instante’” (Heidegger, 2012, p. 1007).

CONCLUSÃO

O *Dasein* tem a-gente como característica essencial. Ser próprio ou impróprio (independentemente do tom moral que pode ou não ser aplicado a essas palavras) depende do modo como ele se porta ao ser tendo a-gente como existenciário. Distinguindo entre a-gente e a-gente-ela-mesma, torna-se possível sustentar tanto a inevitabilidade de a-gente quanto a possibilidade de o *Dasein* alcançar a propriedade, ou seja, de se afastar de a-gente-ela-mesma. A-gente como um existenciário não significa que o *Dasein* não pode ‘escapar’ da impropriedade, mas sim que a tendência a se deixar levar pelos ‘outros’ está tanto no *Dasein* próprio quanto no impróprio; porém, ao mesmo tempo em que fundamenta essa tendência ao ‘impessoal’, pode-se dizer também que a-gente tem um papel importante no ser-um-com-o-outro do *Dasein*. A impropriedade, em que o *Dasein* é dominado por a-gente, é uma dissolução do si-mesmo próprio na submissão aos ‘outros’, cujo resultado é a-gente-ela-mesma. Além

⁹ “O termo, que não expressa nenhuma avaliação negativa, deve significar: o *Dasein*, de pronto e no mais das vezes, é *junto* ao “mundo” da ocupação. Esse absorver-se junto a... tem usualmente o caráter do estar-perdido na publicidade de a-gente. O *Dasein*, como poder-ser si-mesmo próprio, já sempre desertou de si mesmo, decaindo no “mundo”. O ser do decair no “mundo” significa ser-absorvido no ser-um-com-o-outro, na medida em que este é conduzido por falatório, curiosidade e ambiguidade” (Heidegger, 2012, p. 493).

disso, se a propriedade em algum sentido escapa ao domínio de a-gente, ainda assim move-se em um ‘campo’ determinado por ela.

REFERÊNCIAS

DE WAELHENS, Alphonse. **La Filosofía de Martin Heidegger**. Traducción de Ramón Ceñal, S. J. 2. ed. Puebla: Universidad Autónoma de Puebla, 1986.

FEICK, Hildegard. **Index zu Heideggers ‘Sein und Zeit’**. 2. Aufl. Tübingen: Max Niemeyer, 1968.

HEIDEGGER, Martin. **History of the concept of time: prolegomena**. Translated by Theodore Kisiel. Indianapolis: Indiana University Press, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

MCMANUS, Denis. The Anyone (das Man). *In*: WRATHALL, Mark A. (ed.). **The Cambridge Heidegger lexicon**. Cambridge, UK; New York, NY: Cambridge University Press, 2021. p. 40-47.

RICHARDSON, William J. **Heidegger: through phenomenology to thought**. 3. ed. New York: Fordham University Press, 2003.

RIVERA, Jorge Eduardo; STUVEN, María Teresa. **Comentario a ser y tiempo de Martin Heidegger**: v. II – primera sección. Santiago: Ediciones UC, 2010.

RODRÍGUEZ, Ramón. El ser-en-el-mundo como co-estar y ser sí mismo. El uno. *In*: RODRÍGUEZ, Ramón (coord.). **Ser y tiempo de Martin Heidegger: un comentario fenomenológico**. Madrid: Editorial Tecnos, 2015. p. 119-144.